

## O FEMININO: UM MAL-ESTAR NA PSICANÁLISE CONTEMPORANÊA

José Artur Molina<sup>1</sup>

### RESUMO

O complexo edípico poderia ser responsável nestes nossos tempos pelas estruturas psíquicas e, principalmente, seria possível construir o conceito de feminilidade a partir dele? Este artigo reflete as dificuldades de enquadramento do feminino como um desdobramento do masculino e, ao mesmo tempo, levanta as contradições que a psicanálise vive por essa razão. Por um lado o seu método é formatado pelas vozes femininas e sua conceituação é atrelada a uma determinação histórica da Viena fim de século.

### Palavras-chave

Psicanálise, feminino, Édipo, falo.

### ABSTRACT

The Oedipus complex could be responsible in our time by psychic structures and, especially, it would be possible to build the concept of femininity from it? This article work reflects the difficulties of framing women as an offshoot of the male and at the same time, raises the contradictions that psychoanalysis lives for that reason. On the one hand the method is formatted by the female voices and their concept is tied to a historical determination of-the-century Vienna.

### Keywords

Psychoanalysis; female; Oedipus; phallus;

### 1. A Nave Psicanalítica.

<sup>1</sup> Professor titular da Universidade Estadual de Maringá, PR, no curso de Psicologia, Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidad Complutense de Madrid, Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, SP – Campus de Assis.

A psicanálise se constrói a partir de um fracasso do projeto moderno da medicina, isto é da ciência médica, no tratamento de uns sintomas que desafiaram o saber racional médico. Estes sintomas são enigmáticos porque não se conseguia invocar responsabilidade, sobre o surgimento deles, a tecidos e órgãos biológicos.

As histéricas são excluídas na sua exuberância significativa da medicina moderna do século XIX. Freud, com seu espírito desbravador, não renuncia ao desafio de entender aqueles fenômenos apresentados pelas histerias. Surge, portanto, um conceito e um método de tratamento: o inconsciente e a psicoterapia. Isto significa uma verdadeira revolução, uma subversão, indicando que novos tempos se avizinhavam. Com isso, quero dizer que o projeto psicanalítico é oriundo de uma dor que não queria calar porque não podia dizer. A dor das mulheres. Freud sempre se eximiu de fazer da psicanálise uma filosofia, embora não possa deixar-se contaminar de tantas influências que um saber está sujeito.

A afirmativa de Lacan, invertendo o código cartesiano, “Sou onde não penso, penso onde não sou”, exprime, com eloquência, a renúncia da psicanálise a colocar o sujeito apenas sobre a pedra da razão. Se considerarmos as características desses novos tempos, como levanta Santaella,

a saber: a crise do império da razão, o privilégio da heterogeneidade e da diferença como forças libertadoras, fim de projetos universalizantes.

Assim a psicanálise navega com desenvoltura nos oceanos pós-modernos. Entretanto isso não seria para sempre, uma vez que ela passa a ser questionada, principalmente, na sua proposta de constituição do sujeito a uma tríade edípica. A tramitação edípica, de fato, coloca uma camisa de força sobre o singular saber freudiano (o inconsciente e o método terapêutico), posto que, seria uma tentativa de organizar, leia-se racionalizar, e universalizar uma constituição (do sujeito) que não pode ser atribuída a estritos núcleos familiares, as intimidades irreduzíveis.

A psicanálise bebe do mesmo veneno que a medicina vienense também provara na derrocada da racionalidade do saber médico com respeito às histerias. É como se Freud tivesse a intenção de trazer a psicanálise, de origem pós-moderna, para o projeto moderno. Por esta razão a psicanálise se transforma num Judas ou numa Geni. É alvo de críticas de todos os lados. Dos iluministas aos vanguardistas das filosofias pops. E as análises são tão apaixonadas que os discípulos destas vozes discordantes saem às ruas a malhar o Judas até que se reduza as cinzas. E desta experiência (psicanalítica) parece não ter sobrado nada. Talvez estejamos vivendo

hoje no olho do furacão pós-moderno que indica um despojamento de todos os saberes e um flutuar em provisoriiedades.

Ninguém pode negar que o casco do navio psicanalítico contém fissuras causadas por intenções estruturalistas. E, em especial, gostaria de levantar duas fissuras que estão fazendo muita água no interior da nau: a proposta das estruturas clínicas e a questão da feminilidade. Ambas oriundas do processo edípico.

Um analista bem intencionado, também não pode negar a explosão de uma rica gama de novos quadros psíquicos e de novos sintomas que estariam subvertendo a lógica do simbólico. Jamais a psicanálise afirmou que não havia outro mundo para além do simbólico. Mas este lugar (o simbólico) seria o jardim do Éden para o bem estar psíquico e, conseqüentemente, o que estivesse fora desta paisagem seria um campo de exceção. Se por um lado Freud tem o mérito de inaugurar um quadro reduzido das chamadas formações psíquicas, a saber: neuroses, psicoses e perversões, fugindo da enorme gama de quadros psicopatológicos propostos pela psiquiatria (as rotulagens amparadas em descrições sintomáticas) por outro lado a proposta de estrutura dentro de uma tramitação edípica estaria funcionando como um redutor das possibilidades de expressão de subjetividades.

Como segurar a barreira de uma proposta de estrutura psíquica em três categorias e conseguir apaziguar dentro deste lugar os desafios que as novas sintomáticas estão trazendo para a clínica psicanalítica? A exceção está se convertendo em regra. Para salvar os dedos e não perder os anéis surge à expressão borda. Os pacientes não psicóticos, mas próximos a esta fronteira seriam borda. Mas é insuficiente posto que, cada vez mais nos encontramos com pacientes que apresentam expressões fora do simbólico e nem por isso estariam na borda.

A verdade é que no mesmo lugar onde a psicanálise foi construída (na relação analítica) ela está sendo questionada. E não se trata da técnica no sentido do estímulo a produção discursiva dentro do espírito da associação livre. Mas do enquadramento diagnóstico dentro de categorias que não conseguem abarcar singularidades, posto que, encontram-se enclausuradas na proposta edípica.

## **2. Lei e lei**

O declínio da lei (institucional) e da Lei (subjativa) terá conseqüências marcantes no modo de vida da sociedade, ou seja, a família, a escola, a criança e o adolescente, estão sofrendo transformações importantes. Quais seriam as conseqüências desta nova realidade?

O que quer a mulher? Indagação perturbadora, jamais respondida pela psicanálise, mas que também não se acovardou para tentar contribuir para amenizar o enigma. Efetivamente a psicanálise é inaugurada por uma voz feminina que sofre e por uma escuta singular de um homem. A escuta que as pacientes propõem que seja feita é aquela que revela verdades nas notas de rodapé do discurso. Para que isso seja possível é preciso renunciar ao modelo médico e propor um novo método que possa enxergar realidades outras, talvez de um mundo estrangeiro, para que inteligências sejam possíveis. Para isso a palavra deve passar de signo para significante que em cadeia pode expressar uma verdade que insistia em ser revelada.

A questão da mulher está sempre colocada em várias áreas do saber. Ela foi dignificada e execrada nas escrituras. Adorada e ignorada por cristãos. Presente nos mitos. Na filosofia, na sociologia dos grupos feministas, que muitas vezes trabalharam para a masculinização da mulher ao invés de se apresentar a diferença. Na medicina, que a transforma num conjunto de tecidos com jorros hormonais. Na história: o século XVI assiste a construção da família em torno do poder paterno, com leis monárquicas que interditavam a mulher, deixando-a em situação de suposta subalternidade. Em muitas culturas ela era (e ainda é) mutilada

para ser cerceada ao direito do prazer e ficar condenada a função da procriação. Na política, ou seja, nas decisões do Estado ela teve que organizar-se para participar, mas ainda é minoria. No acesso ao conhecimento também teve que combater ferozes batalhas. Para a conquista de direitos banalizados na esfera masculina. Só para citar um exemplo: no século XIX, mulher que soubesse ler era considerada prostituta. O fato é que com o nascimento de um Estado forte nasceu uma família patriarcal forte, tornando a ordem do falo prioritária.

A psicanálise, na sua proposta de constituição do sujeito, é, em princípio, cooptada por esta ordem fálica. Embora tivesse a ambição de uma proposição universal: geral e atemporal, fora das amarras da medicina, da sociologia e da psicologia. Muito embora ela não esteja imune à contradição, inclusive porque é a lógica do inconsciente. Neste sentido Silvia Tubert (1988, p.198) comenta:

“(…) si el sujeto no puede situarse de ninguna manera en una relación con el Otro que no esté marcada por los significantes históricos, sociales y culturales, el psicoanálisis mismo como teoría se inscribe en un universo histórico, cultural, político. Luego, no podría entenderse en forma absoluta, sin otras determinaciones que las exigencias internas de la teoría, sino que es preciso referirse a sus límites externos. Tampoco podemos atribuirle una validez ahistórica: si es capaz de explicarnos la constitución del sujeto y la organización simbólica de la diferencia sexual en el seno de

un sistema patriarcal como el nuestro, está limitado, al mismo tiempo, por la historicidad del universo simbólico en el que si inscribe”.

A construção do feminino para a psicanálise se apresenta como um problema e deve ser debatido inclusive sobre um questionamento da própria teoria em si. Até porque a psicanálise sempre se defrontou com o desconhecido e por esta razão é uma teoria absolutamente singular, sem influencias de saberes constituídos. A conceituação do feminino seria um sintoma de Freud inserido na tradição da Viena fim de século? Por outro lado, a teoria do inconsciente não tem antecedentes que pudesse formulá-la, senão a escuta clínica. A voz das pacientes histéricas. A voz das mulheres cerceadas no seu desejo.

### 3. A razão fálica

O homem, portador de um pênis, que nada tem a haver com o falo, porque o primeiro é um órgão sexual geneticamente determinado, enquanto que, o segundo é representante de um poder constituído e subjetivamente reconhecido, ganha a condição de eixo fundamental de onde partiriam todas as derivações conceituais e constitutivas para a formação do sujeito. Freud o considera o recalçamento. Ponto de partida da ordem simbólica. Assim, a angústia de castração institui a Lei e constrói a

civilização. Mas na mulher é a inveja do pênis que será determinante em sua constituição subjetiva: ela é castrada sem ter ao menos a chance de ter transgredido. Filha da ausência e condenada ao vil sentimento da inveja, a mulher para ser deve querer ter, enquanto ao homem, para ser, é preciso não perder.

Para Lacan, o falo é o significante de uma falta, significante do desejo. Tubert (1988, p.106) esclarece de forma interessante esta relação falo/falta:

“El falo es lo que aparece en el lugar de la falta, es aquéllo en lo cual se inscribe la falta, aunque en el plano de la subjetividad pueda aparecer como plenitud. El falo imaginário es lo que completa una falta produciendo una expansión narcisista en la medida en que el sujeto siente que no le falta nada. Cualquier objeto que obtura una falta puede cumplir esta función imaginaria del falo”.

Neste sentido ninguém é possuidor do falo. Somos cooptados pela palavra, diz Tubert (1988, p.102): “El lenguaje, muerte de las cosas y voz de esa muerte, ahonda indefinidamente una vacancia” (p. 102).

A psicanálise é construída sobre este patamar, mas não reconhece sobre si o absolutismo da lógica fálica enquanto da ordem masculina, uma vez que Freud não a considera uma obra concluída. Ela seria uma proposição em aberto. Não avessa às contradições que o seu próprio campo gerou. Estas contradições estão no discurso das históricas que não se submetem a um

tratamento convencional, ou seja, não permitem que um saber constituído domestique a verdade de seu desejo. Exigem de Freud que não transforme suas palavras em signos anunciadores de propostas diagnósticas. Freud é sensível a esta demanda e, ignorando os imperativos dos saberes constituídos, inventa um lugar onde os enigmas do discurso da mulher ganham guarida: o inconsciente. É contraditório, mas a ousadia freudiana não teme este desafio. De modo que a psicanálise se constrói no caminho de sua experiência e sofre as indagações de dois lugares, a saber: as produções filhas de subjetividades de um tempo e as histórias dos corpos femininos a sofrer. Corpos que denunciam uma sexualidade massacrada, de um desejo para além do coito e do erótico, para além da diferença anatômica dos sexos.

O caminho mais óbvio para se propor a diferença sexual é partir da diferença anatômica. Lugar de onde partiu a biologia. Freud em seus primeiros textos parte deste lugar e propõe a razão fálica como instituidora da Lei, organizadora das relações entre os sexos. Mas, paralelamente, defende que a psicanálise não é biologia ao afirmar que seu paradigma não é o da medicina. Inclusive defende que o exercício da psicanálise não deve ser prerrogativa exclusiva de médicos. Podem os leigos exercer a psicanálise? Podemos compreender

que ele está preocupado com as conseqüências simbólicas da diferença anatômica. Existiriam dois sexos: um portador e outro excluído. O portador guardaria uma superioridade sobre outro. Seria o sexo masculino o vir a ser do feminino.

No mito de Aristófanes, em Platão, um outro sexo é incluído: os seres totais. Os andróginos, com a arrogância dos deuses, daquilo que nada falta, ameaçam Zeus que os castram e os condenam a uma eterna procura de algo perdido. Este mito não autoriza a pensar que de fato existe uma metade perdida. Freud utiliza-se dele, justamente para afirmar que somos seres pulsionais, portanto, devoradores contumazes de objeto. Máquinas pulsionais. Este seria o elemento que une homens e mulheres. Um destino de existência a ser desenhado. Ambos filhos da angústia diante desta tarefa. Na encruzilhada de regressar a um sonho narcísico de eternidade.

Mas e a diferença? Está na anatomia dos corpos? A intuição freudiana mais uma vez prevalece e se mostra num de seus últimos textos: A Feminilidade (1932). Estamos em 1932, seis anos antes de sua morte: “(...) aquello que constituye la masculinidad o la feminidades un carácter desconocido que la anatomía no puede aprehender”(p.106). É verdade que Freud não está falando de mulheres e homens, e sim de feminino e masculino. E vai mais além afirmando a constituição bissexual dos sexos. Mas, certamente,

podemos afirmar que a diferença dos sexos está para além da diferença antômica: “(...) extraer la conclusión de que aquello que constituye la masculinidad o la feminidad es un carácter desconocido que la anatomia no puede aprehender” (Idem).

#### **4. A pulsão e a diferença sexual**

A teoria pulsional proposta por Freud convoca a pensar o psiquismo para além de categorias de ordem biológicas. Ao contrário do instinto, a pulsão impele o sujeito a uma busca infindável, a uma pergunta sobre o ser. Com efeito, para a pulsão não existe objeto. Sendo assim, o que define o feminino e o masculino não é propriamente a presença deste ou daquele órgão, mas um fazer-se na experiência amparado por um amálgama simbólico. Em Três Ensaio de Teoria Sexual (1905, p.132), afirma Freud sobre o tema da homossexualidade: “(...) de lo contrario se caería em, la explicación más burda, a saber, que una persona ter consigo, innato, el enlace de la pulsión sexual con um objeto sexual determinado”. Embora Freud nunca tenha descartado influências anatômicas ou hereditárias, fica claro que sua teoria faz frente a posições da ordem do previamente estabelecido. No mesmo texto, em uma nota de rodapé de 1915, Freud afirma:

“El psicoanálisis considera más bien que lo originario a partir de lo cual se desarrollan luego, por restricción

hacia uno u otro lado, tanto el tipo normal como el invertido es la independencia de la elección de objeto respecto del sexo de este ultimo, la posibilidad abierta de disponer de objetos tanto masculinos cuanto femeninos, tal como se la puede observar en la infancia, en estados primitivos y en épocas prehistóricas. En el sentido del psicoanálisis, entonces, ni siquiera el interés sexual exclusivo del hombre por la mujer es algo obvio. (...) la conducta sexual definitiva se decide sólo tras la pubertad”.

No texto “A Feminilidade” (1932), Freud destaca algo extremamente importante para que possamos pensar sobre o feminino e que implica a pulsão: “No descuidaremos la existencia de um vínculo particularmente constante entre feminidad y vida pulsional” (p.107). A mulher estaria mais próxima do Real? De um lugar onde a palavra não se escreve e o recalçamento não vigora? Isto pode estar relacionado com o que Freud determina como uma ligação narcísica mãe e filha extremamente intensa com o desdobramento do ódio.

Temos que considerar que diante destas perspectivas, a saber, que o feminino tem haver com o pulsional, narcísico, pré-edípico, Real, e fora do recalçamento, quais as conseqüências para a formação superegóica da mulher? Principalmente se questionarmos que a inveja do pênis seria insuficiente para impeli-la a uma resolução edípica, principalmente porque seria o paralelo a angústia de castração no menino. O supereu é

herdeiro do complexo de Édipo. A Lei se institui através do medo de perder, da angústia de castração. Parece lógico. Mas e as meninas que, pela ordem fálica, já perderam, e, portanto a angústia não aconteceu? Freud afirma no texto citado que:

“Ausente la angustia de castración, falta el motivo principal que había esforzado al varoncito a superar el complejo de Édipo. La niña permanece dentro de él por un tiempo indefinido, sólo después lo desconstruye y aun entonces lo hace de manera incompleta. En tales constelaciones tiene que sufrir menoscabo la formación del superyó, no puede alcanzar la fuerza y la independencia que le confieren su significatividad cultural y ...las feministas no escucharán de buen grado si uno señala las consecuencias de este factor para el carácter femenino medio” (Freud, 1932, p. 120).

Quem são as mulheres de Freud? Um conceito definido numa estrutura universal? Ou seriam mulheres de seu tempo e, portanto, limitando sua proposta conceitual, atrelada aos limites por ele impostos? O complexo edípico calcado nas relações de família, de concentração patriarcal, seria suficiente para uma proposição de constituição do sujeito?

O feminino seria uma sub-formação do seu oposto, o masculino. Se a castração seria o grande argumento para projetar o sujeito ao mundo da metáfora, como poderia o feminino ter acesso a este lugar? Pela inveja do pênis? Como alguém que já perdeu pode

constituir-se sobre uma punição de ver-se livre daquilo que não tem? Não teria Freud, neste momento, sucumbido à tentação de eternizar o modelo fálico vigente de seu tempo?

Santaella (1996) atribui ao contemporâneo a seguinte característica: “idade pós-moderna (que é também chamada de pós-industrial, pós-histórica, era da comunicação, informática, telemáticas, abrindo portas para uma nova idade pós-mídia-intermídia)”. E abusando de citações continuo com Santaella (1996, p.7) numa afirmação que considerei acolhedora de minhas indagações:

“Enfim, se conseguirmos ultrapassar este limiar ou iminência de nos destruímos, penso que, se inventarmos os caminhos que nos safem disso, como seres humanos estaremos saltando para um outro patamar. Qual será? Se começarmos a observar a familiaridade, intimidade, agilidade mental, disposição espontânea, sensibilidade (não venham dizer que não!) com que as crianças desde a mais tenra idade, estão interagindo com este universo cada vez mais povoado de signos, botões e seres (sonoros e visuais) sintetizados, talvez possamos enxergar aí algum prenúncio”.

Freud sempre afirmou que não considerava a psicanálise como um saber concluído. A tarefa de colocar a psicanálise num terreno onde ela possa, de fato, abandonar conceitos claudicantes e encontrar um “bom” caminho está em aberto. As

instituições oficiais e não oficiais do “establishment” psicanalítico, na sua falta de ousadia, (para não dizer de coragem) querem esconder-se, feito avestruz, nos conceitos tradicionais, dando estatuto bíblico à obra freudiana. Neste sentido, a Universidade se constitui num lugar privilegiado para realizar esta tarefa. Por isso estamos aqui! Para dar uma contribuição que, embora pequena, seja consistente. E do que se trata? Levantar a bandeira psicanalítica por sua produção singular e perdoar as intenções de Freud que eram filhas do seu tempo.

#### Referências

- ANDRÉ, S. *O que quer a mulher?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*, São Paulo. Editora 34, 1997.
- BLEICHMAR, *Nas origens do sujeito psíquico*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- FREUD, S. Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos (1893). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.3
- \_\_\_\_\_. La etiologia de la histeria (1896). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.3
- \_\_\_\_\_. Fragmento de análisis de un caso de histeria (1905 [1901]). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.7



\_\_\_\_\_. Tres Ensayos de Teoria Sexual (1905). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.7

\_\_\_\_\_. Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad (1908). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.9

\_\_\_\_\_. El tabú de la virginidad (1918 [1917]). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.11

\_\_\_\_\_. Sobre los tipos de contracción de neurosis (1912) In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.12

\_\_\_\_\_. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina (1920). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.18

\_\_\_\_\_. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.19

\_\_\_\_\_. Sobre la sexualidad femenina (1931). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.21

\_\_\_\_\_. 33ª conferencia: “La feminidad” (1933[1932]). In: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1990, v.22

ISRAEL, L. *El goce de la histérica*, Barcelona/Buenos Aires: Editorial Argonauta, 1979.

LECLAIRE, S. *Desenmascarar lo real*, Barcelona/Buenos Aires: Editorial Paidós, 1982.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

TUBER, S. *La sexualidad femenina y su construcción imaginaria*, Madrid: Ediciones El arquero, 1988.

ZACBERG, M. *A relação mãe e filha*, Rio de Janeiro: Elsevier/Editora Campos, 2003.

SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996